

O IDEAL DE SÁBIO EM EPICURO E SÊNECA

Diogo Assunção Valim¹; Reginaldo Aliçandro Bordin²

RESUMO: O projeto de pesquisa que aqui se apresenta propõe estudar o ideal de sábio em Epicuro e em Sêneca. Apesar de viver em épocas diferentes, os filósofos tiveram uma perspectiva comum: conceberam a necessidade de formar o homem segundo ideais morais e éticos, em resposta às demandas de seu tempo. Ao conceber a filosofia como remédio da alma Epicuro entendeu que o sábio é aquele que se comporta indiferente à morte e ao sofrimento e que compreende sua própria natureza e pode gozar de uma vida feliz e prudente. O sábio é aquele que procura a felicidade por meio do prazer, que é entendido como ausência de sofrimento. O sábio, aquele que busca uma vida moderada, transformou-se no modelo de homem que Epicuro desejava, pois acreditava ser ele capaz de viver como um deus entre mortais (ULLMANN, 1996). Sêneca herdou do estoicismo médio uma posição eclética ao defender que o sábio deve dialogar com todas as teorias, com todos os filósofos e conhecimentos com a finalidade de buscar a felicidade. Além disso, entendeu que o sábio é aquele que se mantém firme diante da morte e da corrupção moral. Tornar-se indiferente aos sentimentos e à confusão da vida pública, tornou-se o referencial que o filósofo deve buscar para alcançar a felicidade. Assim, tanto um como outro propuseram formar o homem segundo critérios morais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Epicuro; Sêneca.

1 INTRODUÇÃO

Por volta do século IV e III a.C. as filosofias sistemáticas de Platão e Aristóteles ainda predominavam, mas compartilhavam espaço com outras filosofias. Eram as doutrinas epicuristas e estoicas que, a seu modo, propuseram uma nova concepção moral e também um ideal de sábio.

Essas doutrinas, não tiveram a pretensão de ser sistemáticas a exemplo do platonismo e da Escola do Liceu. Ao contrário, a característica comum era a simplicidade das respostas que deram às mudanças do universo econômico, político e espiritual da Grécia e Roma antigas. O epicurismo surgiu na esteira da ruína política de Atenas e o estoicismo romano vivenciava no mesmo tempo em que aconteciam as crises palacianas, típicas da Roma de Nero. Cada qual a sua maneira, as filosofias helenísticas buscavam salvar o espírito grego e romano de uma eminente decadência e, por isso, estas transformaram-se na arte de viver bem (FARRINGTON, 1968).

Em 306 a.C. Epicuro fundou sua escola filosófica, os chamados Jardins de Epicuro. Essa escola era o lugar onde residiam os seguidores das doutrinas epicuristas e também de onde o próprio Epicuro transmitia, por meio de cartas, suas doutrinas a outras escolas. (REALE, 1980)

¹ Discente do Curso de Psicologia. Departamento de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá – Paraná. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação científica do Cesumar (PROBIC-CESUMAR). diogovalim@hotmail.com

² Docente do Curso de Jornalismo e Artes Visuais do Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá – Paraná e doutorando em História da Educação na UEM. r.a.bordin@uol.com.br

Em sua escola e nas suas cartas, Epicuro afirmava que o fim último da vida humana é o prazer e o prazer é a ausência de sofrimentos. Afirmou, também, que os caminhos para alcançá-lo seriam eliminar a expectativa, procurar a moderação e afastar todo desejo considerado incômodo, por meio da meditação filosófica. Ele também aconselhava seus discípulos a viver retirados da sociedade para não se envolverem com a política e com a vida agitada das cidades, já que estes ambientes perturbam a alma e impossibilitariam a ataraxia, isto é, a tranquilidade da alma. O sábio, então, para Epicuro, é aquele que se comporta indiferente à morte e ao sofrimento e que compreende sua própria natureza, podendo gozar de uma vida feliz e prudente, sem medos ou expectativas. Além disso, sábio é aquele que busca uma vida moderada no agir, uma vez que era recomendado ao filósofo o desapego aos bens materiais, entre outras coisas. Por este desapego e pela tranquilidade que o homem deveria cultivar é que o sábio transformou-se no modelo de homem que Epicuro propôs em sua escola. Assim, a filosofia de Epicuro ganhou um novo papel, diferente dos modelos que se destacavam em sua época. A filosofia converteu-se no remédio para os males do corpo e da alma (ULLMANN, 1996)

O estoicismo, por sua vez, nasceu com Zenão (333 a.C. - 262 a.C.), logo após a abertura do “Jardim de Epicuro”. O estoicismo é dividido em três grandes fases: o estoicismo antigo, de Zenão, o estoicismo médio que se caracteriza pelo ecletismo que assumiu e o estoicismo romano. E foi justamente em Roma que o estoicismo se desenvolveu. Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) foi o maior expoente do estoicismo romano. Nasceu em território espanhol, mas recebeu sua educação em Roma onde também foi introduzido na filosofia estóica.

Apesar de compartilhar a mesma origem e época, o estoicismo grego é diferente do epicurismo. O estoicismo, por exemplo, rejeita a concepção de prazer de Epicuro e também sugere que o homem deve participar da coisa pública, com rigor moral. O estoicismo que se desenvolveu em Roma tinha por característica a noção de uma sabedoria prática, alcançada pela consciência do curso da natureza e que o universo é governado por um logos divino. E dessa consciência que resulta a prática da virtude, já que o sábio é aquele que se conforma com a natureza e age segundo ela.

É com base no reconhecimento de que existe um logos divino que governa a natureza e que a alma está nela identificada, que o estoicismo de Sêneca deduz o conceito de sábio. Para o filósofo romano, sábio é aquele que busca a virtude e a perfeição agindo de acordo com as leis da natureza, que corresponde com a razão. A razão é aquilo que possibilita o homem torna-se livre e feliz, sem se apegar aos objetos externos ou se deixar escravizar pelas paixões. É sábio, portanto, aquele que domina as paixões e os sentimentos e age retamente, sendo justo e prudente. Além disso, Sêneca entendeu que o sábio nunca deve fechar-se para novos conhecimentos e novas doutrinas, mas manter o espírito aberto a outras possibilidades que possam orientar sua vida e seu caráter moral.

Com essas características as filosofias epicurista e estóica procuraram responder às exigências de sua época ao propor um novo ideal de sociedade e de homem, motivo que os levou a repensar os conteúdos da educação. Ao pensar o sábio - aquele que domina os vícios, as paixões e os medos – enquanto modelo pedagógico, entenderam que a educação deveria priorizar a formação moral dos homens, pois acreditavam que poderiam restaurar valores sociais, indispensáveis para a manutenção da vida pública e privada.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho tem como norte o estudo comparativo da noção de sábio em Epicuro e em Sêneca a partir da leitura e análise de seus textos. Tendo em vista que foram escritos

em um contexto social e político determinado, o trabalho levará em conta suas tendências ideológicas, uma vez que expressa o modo como os homens de uma época, de um modo de produção determinado, concebem suas relações com o mundo ou entre os próprios homens. Caberá fazer um cotejamento de suas idéias filosóficas, procurando refletir seus textos em busca das concepções sobre o homem, a educação, a moral, ética e filosofia, vinculada com as transformações sociais de sua época.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado, ainda provisório, pode ser resumido nas seguintes observações: para Epicuro o sábio é aquele que aprendeu a viver uma vida feliz e equilibrada e sabe optar sempre pela situação que trará mais prazer e menos sofrimento, sabe quando deve suportar a dor para ganhar prazeres maiores. Enfim, o sábio é aquele que realmente alcança a ataraxia, vivendo uma vida feliz. Para Epicuro, o sábio deve valer-se de quatro virtudes: a primeira, a Razão e/ou prudência que é aquela busca do verdadeiro prazer; a segunda é o calculismo que consiste em ponderar o que realmente é vantajoso; a terceira é o autodomínio, já que esta evita o que é supérfluo e a última é a justiça que deve ser buscada por causa dos frutos que produz. Para Epicuro, o justo pode usufruir de plena imperturbabilidade, pois não tem nada a que temer: não teme as leis, pois o sábio está de acordo com elas; não teme o mau dos homens, uma vez que a lei o protege e não teme a punição dos Deuses pois estes só punem os maus (ULLMANN, 1996)

Estas virtudes constituem a prática de um sábio epicureu, pois além de livrá-lo da dor e conduzi-lo ao verdadeiro prazer, o exercício delas revela a última virtude do sábio: a liberdade. Ao utilizar a liberdade interior e, por meio do artifício que essa liberdade, permanecer na tranqüilidade do espírito, o epicurista torna-se um mestre, um sábio e, segundo o próprio Epicuro, poderá até mesmo competir com os Deuses em matéria de felicidade.

Para Sêneca a filosofia antes de tudo deve ensinar o homem a viver bem, conforme a virtude. Nada lhe importa, exceto aquilo que possibilita uma vida virtuosa, desapegada dos vícios e das paixões. Nesse caso, considerou que a meditação filosófica predispõe uma vida tranqüila e, por isso, entendeu que é um bem universal e que deve se estender a todos os homens.

No centro de sua obra, Sêneca situa a ética estóica e sua definição do alvo supremo: a perfeição moral, identificada com a sabedoria, a vida bem aventurada ou bem supremo.

A filosofia, então, ganha uma função pedagógica de guia prático para a vida: ela predispõe o homem a praticar a virtude, sendo então o meio de alcançar a felicidade. Segundo o pensador romano, a filosofia não se resumia a preceitos, mas definia-se como exercício da virtude e manifestava-se na própria vida. Ela dá forma e estrutura à alma, ensina o rumo da vida, aponta o que deve ser feito e discerne os verdadeiros valores. “A filosofia ensina a agir, não a falar” (SENECA, 1993, p. 16).

Se não pelo simples saber, então por qual outro meio o discípulo estóico pode vir a ser um sábio? Através de sua vida. O sábio estóico não é um grande orador e nem um habilidoso político, mas um homem que aprendeu a ser livre das paixões e dos prazeres corporais, não teme a morte nem o sofrimento, mas mantém-se firme às suas convicções.

O sábio é quem vive segundo a natureza, isto é, segundo a razão e, por isso, é isento de paixão, sem orgulho, sincero e piedoso. Sua riqueza e liberdade estão em aprender a sufocar seus impulsos e a domar seu corpo, fazendo com que a única vontade vigente seja a da razão. Ele experimenta uma verdadeira felicidade ao suportar tudo com coragem (BRUN, 1987).

Portanto, quem atingiu este objetivo é sábio e bem-aventurado porque obteve a tranqüilidade da alma, a independência do destino e manteve sua autonomia. Importa

considerar que o resultado esperado é o entendimento de que o ideal de sábio elaborado pelo epicurismo e estoicismo se converteu em modelo pedagógico cujo objetivo era formar o homem grego e romano para suportar as adversidades de seu mundo. Ao procurar responder as crises de sua época, enfatizaram a necessidade de preparar os homens segundo os critérios morais (DUHOT, 2006).

4 CONCLUSÃO

Tanto o Epicurismo quanto o Estoicismo tem a mesma finalidade para a filosofia: a felicidade conquistada pelo exercício filosófico e a prática da moral. Embora os filósofos compreendessem a filosofia de modos diferentes, ambos tinham como pressuposto a formação do sábio. A função da filosofia também é a mesma: ensinar o homem as virtudes que compõem a sabedoria e guiá-lo pela vida, sendo a balança que mede suas ações. A filosofia é, para ambos, uma didática que disciplina o corpo e informa o pensamento de que é possível enfrentar a dor e viver uma vida sabiamente, sem se deixar levar pelos apelos da multidão que sacia suas paixões desenfreadamente.

Para isso, propuseram a *ataraxia*. Embora o conceito seja o mesmo para ambas as filosofias (imperturbabilidade da alma), a sua função é completamente diferente. Para Epicuro, a *ataraxia* é o prêmio do sábio, constituindo-se na recusa das paixões exorbitantes, da satisfação dos desejos básicos da carne e do afastamento da dor. Já para Sêneca, a *ataraxia* tem a função de escudo, ou seja, é por meio dela que o estóico enfrenta os embates da vida, recusa as paixões e então chega até a felicidade. (coloque citação)

Isto posto, é possível traçar um paralelo entre os autores até mesmo onde eles mais se contrapõem. Embora divergentes em método e visão de mundo, os dois autores procuraram identificar os problemas de sua época e respondê-los com uma proposta educativa: a formação do homem sábio.

REFERÊNCIAS

BRUN, Jean. **O Epicurismo** / Jean Brun; tradução de Rui Pacheco. Lisboa : Edições 70 , 1987.

BRUN, Jean. **O estoicismo** 1 Ed. São Paulo: Edições 70, 1987

DUHOT, Jean-Joel. **Epiceto e a sabedoria estóica**. 1 Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

EPICURO. **Pensamentos**, texto integral. São Paulo: Editona Martin Claret, 2006.

FARRINGTON, Benjamin. **A doutrina de Epicuro**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

REALE, Giovanni. **Historia da Filosofia Antiga**. Volume IV: As escolas da Era Imperial. São Paulo: Edições Loyola, 1994

SÊNECA. L. A. **Sobre a firmeza do homem sábio**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

SÊNECA, L. A. **Sobre a brevidade da vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria** 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.